



OFICINAS (MINICURSO 4 – EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS)

Embarcações tradicionais

Vanderlei Oto Estevão¹

Fazer uma embarcação tradicional não começa com a madeira, começa com o olhar. É preciso observar e ter paciência. Para Vanderlei, pescador e carpinteiro naval de Barra do Sul, aprender a construir veio do convívio, da escuta atenta aos mais velhos, da curiosidade em entender os detalhes escondidos no ofício. Ninguém lhe ensinou com papel ou régua. Foi vendo os outros fazerem, juntando retalhos de ensinamentos e arriscando sozinho. No minicurso, Vanderlei ensina como fazer uma mini canoa tradicional. Mostra desde o começo, com ferramentas de antigamente, como o enxó, e explica por que cada pedaço de madeira tem seu lugar. A quilha vem primeiro. Depois, as cavernas. Depois, o sarrafo. Tudo na linha, no nível. Se errar no início, a embarcação não caminha bem na água. Ele conhece as madeiras pelo cheiro, pelo peso, pelo toque. Fala da garapeira, do ipê e do cambará; umas mais fáceis, outras mais duras, e muitas já difíceis de encontrar como o guapuruvu que era usado antigamente. Mas cada uma tem sua força e seu papel no corpo da canoa. Construir uma embarcação é também manter viva a memória. É recordar o tempo em que as canoas eram escavadas diretamente nos troncos de guapuruvu, cortados no mato na lua certa, com respeito ao tempo da floresta. Depois, com a força de cavalos e bois, puxavam a canoa até a beira d'água, onde ela era lançada ao mar para se fortalecer contra as brocas e seguir seu destino entre redes e marés. No fundo, o que Vanderlei mostra não é só técnica: é modo de vida. No minicurso, o que se aprende vai além da madeira: se aprende a escutar o tempo, a respeitar o ofício e a manter vivo um conhecimento que ainda pulsa na beira da baía Babitonga.

Palavras-chave: patrimônio naval, carpintaria naval, baía Babitonga

¹ Carpinteiro Naval, Balneário Barra do Sul, Santa Catarina